

EXORTAÇÃO EVANGELII GAUDIUM - APROXIMAÇÕES A UM TEXTO REFORMADOR

João Décio Passos*

*Livre-docente em Teologia pela PUC-SP.

Resumo:

O artigo é uma reflexão como aproximação da Exortação *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Análise sistemática da teologia como propostas eclesiais do Papa. A recepção do texto no contexto da renúncia de Bento XVI e eleição do novo Papa. Texto de caráter religioso ligado à figura carismática do Papa. Analisa o método e a estrutura da Exortação, mostrando a simplicidade da linguagem, o estilo exortativo, fundamentado em textos de sinodais. Texto normativo para a vida eclesial em seu conteúdo e forma. Aponta a linha programática para a vida da Igreja nos próximos anos. Igreja voltada e servidora para o mundo. Continuidade do Vaticano II levando o povo de Deus a caminhar numa cultura globalizada.

Palavras - chaves: Exortação: Contexto eclesial; Carisma papal. Linguagem simples: texto religioso. Vida eclesial: Programa. Vaticano II: Continuidade; Novos Caminhos.

Abstract:

The essay is a reflection on the Exhortation Pope Francis' *Evangelii Gaudium*. It is systematic analysis about the theology as the Pope's ecclesiological proposal, the reception of

the document in the context of the resignation of the Pope Benedict XVI and the Francis' own election. Its religious characteristic shows the charisma of the Pope. The straightforwardness of the method, the structure, the language, and the style of the Exhortation seem to be based on texts that have come out from the continental Episcopal Synods. It is a normative text for ecclesial life in its content and form and a programmatic guideline for the life of the Church in the coming years: the Church-servant for the world, the continuity of the spirit of the Vatican II, journeying together with the people of God in this globalized cultural context.

Key words: Exhortation: Ecclesial context; Papal charisma. Language: simplicity; Religious text. Ecclesial life: Programs. Vatican II: Continuity. New ways.

A Exortação *Evangelii Gaudium* ainda guarda seu frescor como primeiro Documento, de fato, do pontificado do Papa Francisco, reflete também o clima diferenciado no modo de governar a Igreja, mas, sobretudo o perfil pessoal do Pontífice. O Papa que veio fim do mundo, o bispo de Roma, a figura espontânea, sincera e transparente que foram se mostrando de modo cada vez mais nítido, compuseram a imagem por ora consolidada de Francisco dentro e fora da Igreja. Tudo isso se cola de modo direto ou indireto ao texto da *Exortação*, como pressuposto exposto ou escondido, ainda que não estivesse presente diretamente no conteúdo. É o texto do Papa surpreendente e reformador que convida para a leitura. A *Exortação* chegou, de fato, em um momento de grande expectativa sobre os rumos das reformas iniciadas por Francisco; era a expectativa de ver oficializadas as palavras espontâneas pronunciadas em homilias, em colóquios mais reservados e em entrevistas públicas. O magistério de Francisco estava por começar e chegava a seu primeiro texto oficial. E o começo foi mais uma vez surpreendente pela originalidade do Documento que seria conforme a tradição pós-conciliar, uma Exortação Pós-sinodal, resultada do Sínodo sobre a evangelização realizado em Roma de 07 a 28 de outubro do ano anterior. Mas não foi precisamente o que fez o Papa com a Exortação. O Documento, embora explicita o vínculo com

o Sínodo, não se propõe a sistematizar seus resultados, mas a apresentar por meio da temática da evangelização uma *nova etapa evangelizadora* para toda a Igreja, tendo como base no Concílio Vaticano II (cf. n. 17). E indica, ainda, ao que parece uma escolha sobre o exercício do magistério papal em relação ao magistério dos bispos exercidos no Sínodo:

penso que, aliás, não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizer respeito à Igreja e ao mundo. Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar «descentralização» (n. 16).

A consciência hermenêutica recusa a leitura espontânea, ignora ou evita a exposição dos pressupostos e das motivações explícitas ou implícitas em qualquer texto e exige que se pense no contexto em que se dá a construção e a recepção do texto. Nessa perspectiva, a reflexão pretende ser uma primeira aproximação ao texto; uma aproximação geral que toca a superfície em que as ideias se mostram nas suas expressões imediatas e apontam para os significados mais profundos, para as concepções e conceitos teológicos. Não será feita, portanto, nesse momento a análise sistemática da (s) teologia (s) que regem a Exortação com suas fontes e vínculos com as propostas eclesiais do Papa Francisco.

I. A questão da recepção

A recepção de um texto jamais é neutra. Ela se dá em um universo de pressupostos que são vivenciados de modo explícito ou não na comunicação com os receptores.¹ A hermenêutica surgiu precisamente com o propósito de equacionar o problema do sentido que se constrói na relação entre a objetividade do texto e a subjetividade dos receptores diversos². Ambos são ativos e carregados de significados que interferem no resultado final da interpretação. Em nossos dias de comunicação intensa por meio das múltiplas mídias, as recepções já se encontram de certo modo construídas, na medida em que os acontecimentos são não somente comunicados em tempo real, mas, muitas vezes, prenunciados com conteúdos ante-

¹ Cf. L. A. MARCUS-CHI, *Produção textual; análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, pp. 230-235.

² H-G GADAMER, *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2002.

cipados, como expectativas anunciadas. Quando um evento se concretiza ela já foi, quase sempre, preparado emocional e cognitivamente pelas mídias. Se esse dado cultural não elimina, de modo algum, o elemento surpresa, ele contribui com certeza para a *construção das recepções*. Esse processo possui uma dimensão coletiva (as recepções são construídas como consenso grupal), uma dimensão interpretativa (que envolve o sujeito com seus pressupostos) e uma dimensão temporal (a contínua construção das recepções).

A recepção da Exortação se dá nesse contexto, na verdade pré-texto cultural midiático, fortemente marcado pelos fatos que antecederam a sua publicação desde a renúncia do Papa Bento VI, passando pelo conclave que elegeu o novo Papa. A recepção das palavras do novo Papa se inserem nesse contexto mais amplo e dele não pode se eximir por certo nem mesmo o Pontífice. Mas, em se tratando de um Documento papal a recepção se torna mais complexa, envolvendo elementos gerais de interpretação textual, assim como elementos de fé que portam dados pré-textuais que condicionam a recepção.

1. Ponto de partida da recepção de um texto

A leitura de todo texto se dá dentro de um contexto mais amplo e de fundo do qual retiramos, conscientes ou não, pressupostos que estruturam em parte e ou até por completo nossa compreensão. Esse contexto é cultural (significados consensuais) e político (significados legítimos) e, em nosso caso, é também acadêmico (significados lógicos) e eclesial (significados de fé). Isso quer dizer que a leitura/compreensão de um texto não é o resultado exato nem de um sujeito autônomo e consciente que o lê com sua competência e nem de um enunciado puro que se impõe com sua objetividade sobre o sujeito leitor. O trabalho acadêmico consiste precisamente na negociação técnica entre os dois polos, na busca do sentido mais coerente possível do sentido oferecido pela literalidade do texto. Todo texto é compreendido nessa negociação: o sujeito com seus pressupostos extra-textuais e o texto com seus códigos linguísticos objetivos.

A leitura de um texto deve, antes de tudo, considerar a letra com sua semântica textual, o conjunto e a parte do texto, a estrutura geral e as expressões que a revelam ou escondem,

o essencial e o periférico. Mas, deve também expor as chaves escolhidas para operar a interpretação, sendo que essas podem ser extraídas de dentro ou de fora do texto. É quando o contexto fornece as referências que determinam ou influenciam a leitura. Quais são os elementos contextuais e as chaves de leitura disponíveis para a leitura da Exortação? Dois elementos são fundamentais na construção dos pressupostos da recepção: o caráter religioso do texto e sua ligação coma figura carismática do Papa.

2. A recepção de um texto religioso

Os textos religiosos estão sempre inseridos em uma comunidade de sentido explícito. Eles nascem dessa comunidade e a ela se direcionam diretamente. Os textos do Magistério da Igreja constituem casos emblemáticos dessa comunicação engajada, cuja finalidade explícita é formar pedagogicamente os ouvintes. É desse contexto que emergem necessariamente os significados de um texto religioso, no caso um texto católico. O texto doutrinal pretende precisamente comunicar de forma clara algo que não está claro ou deve ser explicitado para uma comunidade de fé, que professa, a priori, sua adesão a certos conteúdos. O texto teológico, *de modo* semelhante, constitui a forma consciente de elaborar um conjunto de sentido inserido em um quadro mais amplo de significados normativos de uma tradição. A reflexão se move no marco da tradição, no sentido do resgate de significados mais originais, de verificação dos processos históricos ou das implicações práticas. Qualquer texto religioso movimenta-se nessa referência, ainda que constitua um texto heterodoxo que vise negar a própria tradição ou algum elemento dela.

A Exortação *Evangelii Gaudium* se insere obviamente uma tradição e dentro dessa referência formula seus conceitos e expõe suas orientações. Além da referência indispensável das fontes bíblicas, fonte principal utilizada, o próprio Francisco enuncia sua fonte principal: o Vaticano II, concretamente a eclesiologia da *Lumen Gentium* (n. 17). O marco conciliar é o horizonte conceitual formulado e imediato da construção do conjunto do texto, o que se pode verificar, na postura fundamental, nas expressões e nas conclusões. Não se trata

de um marco unicamente textual que fundamenta de maneira literal e exclusiva o pensamento, mas de um marco sobre o qual se move de modo dinâmico a reflexão que acolhe o Vaticano II como um processo de renovação da Igreja. A aplicação do Vaticano II de modo particular na América Latina é o espaço concreto da leitura do texto. Os textos do magistério latino-americano são citados com frequência e fornecem diretamente a visão e a práxis da Igreja dos pobres, servidora da humanidade e dialogante com o mundo.³

³ Cf. J. D. PASSOS e A. M. L. SOARES, *Francisco; renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

Essa é a tradição na qual se insere os conteúdos da Exortação que, agora, universaliza a experiência eclesial de Bergoglio na América Latina. Nesse sentido as temáticas locais são...

3. A recepção da Exortação *Evangelii Gaudium*

O texto do Papa Francisco possui um agravante hermenêutico no momento da leitura por se tratar de um texto proveniente de uma figura carismática.⁴ Perante uma personalidade carismática não há imparcialidade: ou se ama ou se rejeita, ou se acolhe sua mensagem com entusiasmo ou a renega, atitude que dentro do politicamente possível normalmente se traduz publicamente em indiferença. Nesse sentido a figura do Papa com seu carisma se tornam um pressuposto da leitura. Mais que em outros textos, o elemento contextual imediato – a figura com suas declarações e projetos – cria um ambiente e um espírito da leitura do texto com seus propósitos de renovação da Igreja.

⁴ Cf. J. D. PASSOS, O carisma renovador de Francisco: vinho novo em odres velhos. Em *Ciberteologia* 46, 2014.

O texto em questão é uma *Exortação* dirigida a toda Igreja sobre o anúncio do Evangelho *no mundo atual*. Vale a pena retomar alguns aspectos do contexto imediato em que a *Exortação* é elaborada e oferecida, o que permite perceber o recado do Papa em seu conjunto e nas suas partes.

a) O contexto de um novo Papa eleito em meio a uma grave crise interna e externa na Igreja e que se apresenta simbólica, política e eclesialmente como quem veio disposto a reformar a Igreja. Os pronunciamentos e os gestos do novo Papa eram, de fato, surpreendentes e chamavam a atenção pela transparência, simplicidade e coragem. Instaurava-se, como nunca dantes, um clima de renovação no âmbito do papado.

b) O contexto de expectativa de fiéis e da sociedade de um modo geral sobre as reformas a serem feitas. A cada dia do pós-conclave a própria imprensa esteve à cata de novidades sobre os rumos da reforma anunciada. E o novo Pontífice, por sua vez, surpreendia com suas declarações que traziam sempre um conteúdo inédito.

c) O contexto de expectativa interna sobre um primeiro escrito oficial de Francisco no qual viesse traduzir em Magistério seus pronunciamentos espontâneos que prometiam mudanças.

d) O contexto eclesial politicamente demarcado pelos que acolhem os propósitos de reforma com entusiasmo e pelos que se calam na perplexidade ou na indiferença.

A *Exortação* foi recebida por esse contexto imediato e tem sido lida a partir dele. A perplexidade prevaleceu em um primeiro momento e, no melhor juízo, parece ter se expressado no fraco eco da parte do episcopado de um modo geral, apesar de sua linguagem direta e contundente. A chamada para a alegria feita por Francisco não ressoou de imediato entre os líderes católicos que parecem não ter sabido lidar com os conteúdos inéditos do texto. A promulgação da *Exortação* foi como um vulcão silencioso, cuja erupção foi observada à distância por observadores assépticos.

Ainda que esses pressupostos não sejam explicitados e aprofundados no decurso da reflexão, é preciso dizer que permanecem como o chão sobre a qual ela se desenvolve e busca comunicar-se.

II. Considerações gerais sobre o texto

A estrutura de todo texto está a serviço de seu conteúdo; expressa o modo de estruturar o raciocínio que, por sua vez, está a serviço das ideias a serem defendidas e expostas. O que a estrutura e o conteúdo da *Exortação* comunicam? Evidentemente trata-se de um texto pensado e construído com uma intencionalidade definida e com capitais conceituais disponíveis ao autor. Resulta, portanto, de opções metodológicas e teóricas. A estrutura é resultado de um método e, ao mesmo tempo, resulta num método de reflexão e de atuação da Igreja. *A fundamentação teológica revela, por sua vez, as fontes adotadas e um referencial teológico de fundo.*

1. O método e a estrutura

A estrutura geral da *Exortação* é composta de uma moldura que abriga em seu interior o método *ver-julgar-agir*. Essa moldura situa o método em um conjunto maior de natureza teológica, como instrumento utilizado em um lugar eclesiológico e com uma finalidade espiritual, uma operação que faz com método *ver-julgar-agir* o que a teologia medieval fez com a filosofia em relação à teologia: o método é assumido como *servus fidei*. Mas, tanto quanto na teologia medieval não se trata de uma assunção que desqualifica a razão analítica. Ao contrário, trata-se de uma fé que continua buscando sua inteligência de modo inserido na realidade e por meio de um método que permita sua articulação consciente, coerente e eficaz com o contexto. Ao iniciar as análises de realidade no segundo capítulo, Francisco posiciona o método em seu primeiro passo. Trata-se de um olhar necessário sobre a realidade, ponto de partida para se falar em seguida da ação evangelizadora. Um ponto de partida que não é *asséptico*, mas uma busca de discernimento evangélico nutrido pela luz e pela força do Espírito, um exercício de estudo dos sinais dos tempos. E anima os cristãos a fazerem esse exercício de vigilância sobre a realidade atual em nome da fé com a finalidade não somente de compreender a realidade, mas também de escolher entre o que ela apresenta de bom e de ruim e de buscar meios de modificá-la (nn. 50-51).

Esse método clássico da Igreja Católica, particularmente, formulado pela Ação Católica, exercitado na tradição das Igrejas latino-americanas e aprofundado pela teologia da libertação é subsumido por um pressuposto, a reforma da Igreja, o que tem mostrado ser a chave geral do Pontificado de Francisco, e por uma transversalidade, a espiritualidade encarnada no meio do povo: o encontro inseparável com Jesus Cristo e com o próximo. Numa palavra, a Igreja inserida na realidade perscruta em cada contexto os desafios e os sinais do Reino de modo que cada cristão possa encontrar na realização desse ato com o Cristo vivo na história.

O substrato implícito nessa lógica geral, que constitui ao mesmo tempo uma profissão de fé, expressa, certamente, a experiência pessoal de Mario Bergoglio na Igreja, da América Latina até o Pontificado; reflete o Bispo de Roma a serviço da Igreja

ja, o bispo latino-americano que leva consigo as experiências da Igreja dos pobres e do diálogo com a cultura do povo e o jesuíta que adota como horizonte e ponto de chegada a espiritualidade. Podemos dizer, portanto, que a *Exortação* é, em boa medida, a imagem e semelhança do autor. Uma síntese de suas convicções e experiências e de seus projetos para a Igreja universal. Nesse sentido, se faz presente o método que exercita o discernimento da realidade para escolher entre o Reino e o anti-reino presentes na realidade mundial e na própria Igreja. A alegria do Evangelho não é um chamado à festa e a um entusiasmo espiritual delirante, mas a um compromisso urgente de transformação de toda a realidade, a começar da Igreja.

A relação explícita entre fé e a realidade constitui, desse modo, o centro do método, de onde se pensa a Igreja e o mundo como grandezas mutuamente implicadas e de onde são retirados os desafios para a renovação da Igreja e a transformação do mundo, a partir do Reino de Deus. A fé abre-se à realidade como o lugar onde Deus fala de modo negativo – na dor e no sofrimento dos pobres – e de modo positivo: com seus sinais a serem percebidos e discernidos. A fé é sempre o pressuposto de onde se lê a realidade, a partir de onde se insere nela e com a qual se transcende a própria realidade na direção do Deus que chama para a comunhão consigo. A realidade é, por sua vez, um lugar e um tempo que desafia a fé a ser interpretada e vivenciada de modo concreto, como caminho único de seguimento de Jesus Cristo e de realização da missão da Igreja. *Os desafios existem para serem superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança* (n. 109).

A Igreja deve estar a serviço da humanidade, de modo especial daqueles que mais necessitam de sua solidariedade efetiva, sem discursos e sem rodeios.

Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo (n. 24).

A espiritualidade sustenta toda a ação evangelizadora do povo de Deus. É o Espírito que impulsiona o cristão à ação na Igreja numa ação completa que inclui simultaneamente mudança pessoal e mudança social.

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário e nem os discursos sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração (n. 262).

A estrutura geral da Exortação dá corpo e ordem para essa postura metodológica fundamental que articula as exigências da fé e da realidade. A ordem dos capítulos revela um todo bem planejado que inclui não somente o método utilizado dentro de pressupostos e finalidades, mas também a tese central com as argumentações desenvolvidas: a Igreja se define por um fundamento que está para além dela mesma, a salvação oferecida por Jesus Cristo morto e ressuscitado, mistério que é oferecido à humanidade e que se revela dentro e fora da Igreja, ou seja, no próprio mundo.

2. A linguagem do texto

A linguagem dos Documentos papais do se poderia denominar *gênero Encíclica*⁵ segue um estilo magistral, erudito e *repro- dutivista*. Trata-se, quase sempre, de uma linguagem previsível. Constrói um discurso que visa mostrar a sequência das ideias na linha da tradição que continua sempre repetida como verdade perene, no estilo de tratados temáticos que discorrem argumentativamente sobre uma temática e por meio de uma linguagem técnica que visa ensinar por meio da objetividade dos conceitos. O Papa Francisco não rompe com a postura magisterial que pretende ensinar e nem com a argumentação que pretende convencer. No entanto, rompe com certos padrões e jargões da linguagem tradicional, o que pode ser verificado:

a) Na simplicidade da linguagem

A linguagem simples e direta permite detectar não somente a tese central que sustenta o conjunto e as partes, mas também afirmações lapidares que pontilham o texto e que impactam por sua radicalidade e também por seu potencial renovador. Vale determo-nos em algumas:

O bem tende sempre a comunicar-se (n. 9); ...não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou

⁵ Cf. J. W. O'MALLEY, *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014, pp. 67-69.

completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo... (n. 16); A Igreja em saída é uma Igreja de portas abertas (n. 46); ...prefiro uma Igreja acidentada, ferida enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (n. 49); Os excluídos não são explorados, são resíduos, sobras (n. 53); Na cultura dominante...o real cede lugar à aparência (n. 62); A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados (n. 102); A graça supõe a cultura... (n. 115); Evangelizar é tornar o Reino presente no mundo (n. 176); ...no irmão está o prolongamento da Encarnação para cada um de nós (n. 179); todo o caminho de nossa redenção está assinalado pelos pobres (n. 197); Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado (n. 204); A realidade é superior à ideia (n. 233); A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo (n. 268).

Dentre várias outras, essas expressões inovam a linguagem do magistério papal revelando o estilo prevalentemente pastoral do texto. Não são somente metáforas que clareiam as ideias, mas também afirmações lapidares que dão forma acabada para as percepções de realidade e para as posturas teológicas de Francisco. Nesse estilo a autoria direta do texto se mostra de algum modo, na medida em que o estilo reproduz por vezes literalmente o estilo Bergoglio-Francisco.

b) No estilo exortativo

O texto fala não somente ao intelecto, com seus raciocínios evidentemente bem montados, mas também ao coração. O estilo faz jus a uma Exortação. A Introdução é particularmente indicativa desse propósito de cunho profético-pastoral que coloca em segundo plano o clássico estilo lógico-argumentativo dos textos comuns do magistério. *A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus* (n. 1). Com essa promessa inicia o texto de onde deriva o nome da Exortação (Alegria do Evangelho). E com uma poesia dirigida à Mãe de Deus conclui afetivamente a reflexão. A palavra *coração* aparece 76 vezes no

decorrer do texto, a palavra *misericórdia* 30 vezes e a palavra *alegria* em 94 ocorrências. O Evangelho da alegria brota do coração de Jesus e fala ao coração do ser humano, ao coração do povo e ao coração da cultura. O coração do evangelho é que deve fornecer o conteúdo fundamental da evangelização, de onde se devem hierarquizar os discursos e as próprias verdades a serem anunciadas pelos evangelizadores. A alegria é o clima da evangelização; ela advém do encontro pessoal com Jesus Cristo e no encontro pessoal com os irmãos, particularmente com os mais necessitados. A misericórdia é a regra de vida de todos os cristãos; deve ser o centro do anúncio porque é fruto do próprio amor de Deus que se encarnou. A Igreja deve rebaixar-se, se preciso humilhar para exercer sua missão.

O tom exortativo pretende falar de coração para coração; fazer o amor (103 ocorrências) de Deus acontecer nas relações humanas concretas, sobretudo onde há clamor por vida. A evangelização é ato de amor que coloca toda a Igreja em saída: na direção de Deus e do próximo; na direção do Reino e na direção do mundo; na direção de Jesus Cristo e do pobre e na direção do Espírito e das culturas.

c) Na fundamentação do discurso

O *estilo - encíclica* é construído, sobretudo a partir do epicentro do magistério papal: constrói-se uma espécie de cadeia de conceitos em que um documento cita o anterior com grande frequência, repetindo a frase *como disse meu predecessor*. Ainda que esse recurso não autorize falar em um puro reproduzimento ideológico ou em repetição de uma tradição estática, ele permite perceber a opção por um principal de fonte. A Exortação se insere nesse estilo e regra de modo inovador, na medida em que privilegia as fontes bíblicas, se ampara nos textos do Vaticano II (n. 17) cita cuidadosamente textos do magistério sinodal⁶ e dos episcopados continentais e locais.⁷

O exercício colegiado do magistério papal assumido como valor na Introdução (cf. n. 16) e no Item referente à *renovação eclesial inadiável* do Capítulo I (cf. n. 32) se faz presente na composição textual. Um novo modo de falar que indica para uma mudança de postura no exercício do ministério papal.

⁶ Sínodos continentais e Exortações Pós-sinodais: *Ecclesia in Oceania* (3X); *Ecclesia in África* (2X); *Ecclesia in Ásia* (8X); *Ecclesia in America* (1X); *Ecclesia in médio Oriente* (1X).

⁷ Na sequência do texto são citadas as seguintes Conferências Episcopais: Estados Unidos, Brasil, França, Filipinas, Estados Unidos, Congo e Índia.

A linguagem da Exortação é coerente com a figura pessoal de Francisco, marcadamente pastoral. E toda a Igreja é convidada pelo Papa a sair de si mesma na opção e na ação imediata em prol do Reino de Deus no mundo de hoje. A Igreja *em saída* é chamada à *conversão pastoral* que *não pode deixar as coisas como estão* (cf. n. 25). Dirigida a todo o povo de Deus a Exortação se faz entender com sua linguagem simples, direta e exortativa que evita, por assim dizer, os padrões eruditos e acadêmicos.

De fato, uma experiência eclesial comum sustenta os significados presentes na Exortação nos termos acima colocados: o povo de Deus que espera mudanças na Igreja e acolhe o novo Papa nesse espírito e com essa expectativa. O Documento realiza esse significado de modo claro e se mostra como um texto que pretende dar novo vigor à Igreja depois da dolorosa crise.

Essas rápidas considerações sobre o texto e o contexto da Exortação visaram expor tópicos para início de conversa sobre os impactos e originalidades do Documento. Trata-se de um Documento que surgiu ainda sob os efeitos de uma grande crise vivenciada pela Igreja. Nesse sentido, pode ser visto como uma primeira sugestão de saída que deverá ir além da recepção obsequiosa ou obediente por parte dos fiéis e da própria hierarquia. Os parâmetros e rumos fundamentais estão por ora apontados e aguardam serem colocados em práticas, não somente pelas reformas a serem implementadas pelo Papa, mas por todo o povo de Deus. A Exortação pode ser recebida, portanto, como o texto carregado de pontecialidades transformadoras para a Igreja nos seguintes aspectos:

a) O texto antes de tudo como *normativo*: procedente do Magistério papal e, como tal, como orientação para a vida eclesial em seu conteúdo e forma. Não se trata de mais um tratado temático sobre a missão, mas de uma programática para os próximos anos na vida da Igreja, como explicita o próprio Papa (cf. n. 17 e n. 287).

b) O texto como *ruptura*: compreendido como um texto reformador que rompe com paradigmas anteriores: de uma

Igreja reclusa perante o mundo moderno a uma Igreja que sai corajosa e servidora para o mundo.

c) O texto como *continuidade*: é acolhido como retomada da tradição de *aggiornamento* do Vaticano II, do ponto de vista de suas aplicações práticas e de seu desenvolvimento teórico.

d) Texto como *avanço*: recolhe os frutos maduros do Vaticano II na rica dialética da relação entre a Igreja-Mundo, construindo uma teologia da Igreja e do Mundo em chave missionária, tendo como pano de fundo os desdobramentos práticos do Vaticano II em diversas partes do mundo.

e) O texto como *necessário*: é lido como orientação coerente para a Igreja atual. Busca caminhos para o Povo de Deus em meio a uma cultura de consumo globalizada, individualista, hedonista e relativista. A postura de crítica radical ao sistema econômico mundial e de diálogo com a cultura fornecem o fio de prumo da relação entre a Igreja e o mundo.

f) O texto como *marco*: de uma nova etapa de recepção do Vaticano II que chama para a renovação de toda a Igreja e que, portanto, deverá produzir efeitos em todo o conjunto da vida da Igreja, renovação das estruturas e das posturas, renovação dos conteúdos e das linguagens.